

Automedicação em universitários*

Self-mediation among university

Fabiana Schuelter-Trevisol¹, Daisson José Trevisol^{1,2}, Gustavo Simiano Jung³, Bruna Jacobowski³

*Parte do Trabalho de Iniciação Científica contemplado com Bolsa de Pesquisa PUIC da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Tubarão, SC.

RESUMO

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS: A automedicação é uma prática comum na sociedade, no entanto, pode possibilitar agravo de doenças, interações medicamentosas e intoxicações, entre outros problemas de saúde. O objetivo deste estudo foi verificar a prática de automedicação e os fatores associados entre universitários.

MÉTODO: Foi realizado estudo transversal com 160 estudantes dos cursos de graduação em Medicina e Direito de uma Universidade do Sul do Brasil. Utilizou-se questionário semiestruturado com variáveis sociodemográficas, clínicas e perfil de utilização de medicamentos nos últimos três meses.

RESULTADOS: A prevalência de automedicação entre os entrevistados foi de 72,5%. Houve associação entre automedicação e o aluno estar cursando medicina, ser filho de profissional de saúde, ter convênio médico e renda familiar superior a 10 salários mínimos. Constatou-se que a indicação do uso de medicamentos por parte de pessoas leigas prevalece na realização de automedicação.

CONCLUSÃO: Os dados obtidos indicam a necessidade de intervenção junto à população em estudo, quanto ao uso racional dos medicamentos e a automedicação responsável.

Descritores: Autocuidado, Automedicação, Estudantes.

SUMMARY

BACKGROUND AND OBJECTIVES: Self-medication is a common practice in society, however, can aggravate diseases and cause poisoning and drug interactions, among other health problems. The objective this study was to assess the practice of

self-medication and associated factors among university students. **METHOD:** A cross-sectional study was conducted with 160 undergraduate students in medicine and law at a university in southern Brazil. A semi-structured questionnaire was used to identify sociodemographic and clinical variables, and medications used in the previous three months.

RESULTS: The prevalence of self-medication among the respondents was 72.5%. There was an association between self-medication and the student enrollment in medicine, being the son or daughter of a healthcare provider, have medical insurance and family income above 10 minimum wages. Findings reveal that drugs indicated by non-professional people prevail in self-medication.

CONCLUSION: These data indicate the need for intervention to promote the rational use of drugs and responsible self-medication.

Keywords: Self care, Self medication, Students.

INTRODUÇÃO

A automedicação consiste no consumo de uma determinada substância com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou doenças, autodiagnosticada pelos pacientes ou pessoas leigas, sem a adequada prescrição de um profissional capacitado e certificado¹. A automedicação abrange uma gama diversa de situações cotidianas, sendo as mais comuns: a aquisição de medicamentos sem receita, uso compartilhado de medicamentos, utilização de sobras medicamentosas de prescrições anteriores, utilização de receitas antigas e descumprimento de prescrição profissional com o intuito de prolongar, interromper ou aumentar a dose de medicamentos prescritos na receita original^{1,2}.

Esta prática apresenta alta incidência, tanto em países desenvolvidos quanto em países subdesenvolvidos, atingindo níveis de 68% e 92%, respectivamente. A automedicação pode ser considerada um problema de saúde pública, sendo influenciada direta ou indiretamente por fatores econômicos, culturais e políticos³.

O crescente número de produtos farmacêuticos atualmente disponíveis no mercado, a simbologia de saúde atribuída aos medicamentos por parte da população geral e a publicidade maciça e irresponsável da indústria farmacêutica amplamente veiculada nos meios de comunicação, são influências adicionais para a ocorrência da automedicação²⁻⁶.

Apesar desta prática ser considerada por especialistas como importante no processo de autocuidado, pode ser potencialmente nociva à saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento é inócuo ao organismo⁷. O uso indevido de substâncias, muitas vezes consideradas banais pela população, como antimicrobianos,

1. Doutor em Ciências da Saúde e Professor do Curso do Mestrado em Ciências da Saúde e do Curso de Graduação em Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, Brasil

2. Coordenador do Centro de Pesquisas Clínicas do Hospital Nossa Senhora da Conceição e Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, SC, Brasil

3. Graduando do Curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, SC, Brasil

Apresentado em 04 de julho de 2011

Aceito para publicação em 27 de setembro de 2011

Endereço para correspondência:

Profa. Dra. Fabiana Schuelter-Trevisol

Avenida José Acácio Moreira, 787 – Bairro Dehon
88704-900 Tubarão, SC.

Fones: (48) 3631-7239 – (48) 3622-1442

E-mail: fastrevisol@gmail.com

© Sociedade Brasileira de Clínica Médica

analgésicos e anti-inflamatórios, pode acarretar sérias consequências como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, hemorragias digestivas, sintomas de retirada, entre outros⁷. Além disso, o alívio momentâneo dos sintomas pode mascarar a evolução da doença de base que em alguns casos pode progredir, causando agravamento do quadro clínico⁸.

Alto nível de educação, *status* profissional elevado, sexo feminino e problemas psiquiátricos, têm sido relatados na literatura como alguns dos fatores relacionados à automedicação, sendo doenças leves, experiência prévia com o uso da medicação e baixa disponibilidade de pessoal no cuidado médico as justificativas mais abrangentes usadas para essa prática⁹.

A automedicação entre universitários, considerados intelectualmente superiores à população geral, tem sido amplamente estudada em países da América do Norte, Europa e Ásia, porém em países em desenvolvimento, como o Brasil, existe carência de dados úteis para a promoção de medidas eficazes no combate a automedicação e promoção do uso racional de medicamentos, aspectos esses desenvolvidos e preconizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

O objetivo deste estudo foi avaliar a prevalência de automedicação entre os estudantes de uma universidade do Sul do Brasil, avaliando os fatores associados a essa prática, como forma de ampliar o conhecimento sobre o assunto.

MÉTODO

Após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) sob o protocolo nº 09.113.4.01 III, foi realizado estudo observacional com delineamento transversal, em que a amostra foi composta por estudantes do 1º ao 8º semestre dos cursos de graduação em Medicina e Direito da Universidade do Sul de Santa Catarina, *campus* Tubarão. Utilizou-se amostra aleatória estratificada, subdividindo os participantes de acordo com o curso e o semestre que estavam cursando. Com base na lista de frequência, foi realizada aleatorização simples de 20 indivíduos de cada semestre, sendo 50% de cada curso. Após o sorteio, os indivíduos foram convidados a participar do estudo e o aceite foi dado mediante assinatura do termo de consentimento livre esclarecido (TCLE). Em caso de recusa, novo aluno pertencente ao mesmo semestre e curso era sorteado.

Os dados foram coletados nas dependências da universidade, entre os meses de março a junho de 2010. Foi aplicado questionário semiestruturado pelos pesquisadores, individualmente, em ambiente reservado. O questionário contemplava as variáveis demográficas (idade, sexo, estado civil, semestre que estava cursando e profissão dos pais), socioeconômicas (cor da pele e renda familiar mensal), comportamentais e de saúde (dados antropométricos, autoavaliação de saúde, atividade física, número de consultas médicas no ano anterior, internação nos últimos seis meses, convênio médico, presença de doença aguda e/ou crônica), bem como dados sobre uso de medicamentos (relação dos medicamentos utilizados nos últimos três meses e de uso contínuo, indicação clínica, forma de aquisição, se uso por prescrição médica ou automedicação e ocorrência de reações adversas a medicamentos).

Os dados coletados foram codificados e digitados no programa estatístico Epidata versão 3.1 e, para análise estatística, utilizou-se

o programa SPSS versão 18.0. Para avaliação estatística, com relação às variáveis categóricas, aplicaram-se os testes Qui-quadrado e Exato de Fisher, com intervalo de confiança de 95%.

RESULTADOS

Do total de 160 universitários entrevistados, 85 (53,1%) eram do sexo feminino. A média de idade foi de $22,5 \pm 4,7$ anos. Desses, 94,4% eram de cor de pele branca e 93,1% solteiros. Quanto à residência, 43 (26,9%) residiam sozinhos; 101 (63,1%) com familiares e 16 (10%) residiam com amigo ou conhecido, sendo que 74 (46,3%) afirmaram possuir trabalho remunerado (Tabela 1).

Quando questionados sobre a forma de atendimento recorrido no caso de doença, 105 (65,6%) referiram utilizar sistema de convênio privado de saúde, 37 (23,1%) utilização do serviço médico particular, 12 (7,5%) Sistema Único de Saúde (SUS) e quatro (2,5%) relataram nunca ter precisado de atendimento médico. Entre os entrevistados, 87 (54,4%) referiram ter realizado entre uma e duas consultas médicas no último ano, 42 (26,3%) entre três e quatro consultas, 15 (9,4%) entre cinco e seis consultas e seis (3,8%) afirmaram ter realizado mais de sete consultas médicas no último ano, sendo que 15 (9,4%) necessitaram de internação hospitalar nesse período.

Quanto à história clínica, 30 (18,8%) universitários tinham doenças crônicas, entre as quais: asma, dislipidemia e depressão. Nos três últimos meses que antecederam a entrevista, nove (5,6%) entrevistados tinham sido acometidos por alguma doença aguda. Do total de universitários estudados, 60% consideravam a própria saúde como boa, 26% ótima, 13% regular e apenas 1% ruim ou péssima.

Quanto aos hábitos de vida, 43 (26,9%) realizavam atividade física mais de três vezes por semana. Do total de participantes, 46 (29,3%) tinham sobrepeso e 12 (7,5%) afirmaram ser tabagistas. Em relação ao uso de medicamentos, 34,4% dos entrevistados afirmaram ser usuários de medicamentos de uso contínuo e 75,9% haviam utilizado medicamentos nos últimos três meses. Houve relato de 21,3% da amostra sobre ocorrência progressiva de reações adversas a medicamentos.

As classes de medicamentos utilizados pelos participantes nos últimos três meses são apresentadas no gráfico 1, segundo a classificação *Anatomical Therapeutic Chemical Code* (ATC).

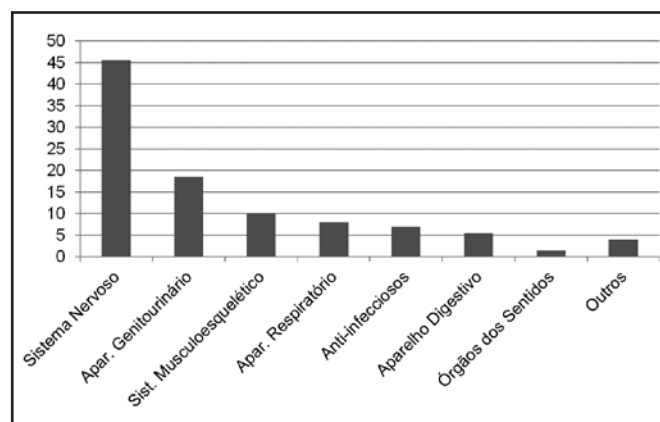


Gráfico 1 – Percentual de medicamentos utilizados segundo classificação da *Anatomical Therapeutic Chemical Code*.

Tabela 1 – Características sociodemográficas e clínicas dos universitários e sua associação com a automedicação.

| Características | n (%) | Automedicação n = 116 (72,5%) | Valor de p |
|----------------------------|------------|----------------------------------|---------------|
| Idade (anos) | | | |
| Até 22 | 105 (65,6) | 73 (62,9) | 0,2 |
| 23 ou mais | 55 (34,4) | 43 (37,1) | |
| Sexo | | | |
| Masculino | 75 (46,9) | 56 (48,3) | 0,6 |
| Feminino | 85 (53,1) | 60 (51,7) | |
| Graduando em Medicina | 80 (50,0) | 65 (56,0) | 0,01 |
| Graduando em Direito | 80 (50,0) | 51 (44,0) | |
| Profissão dos pais | | | |
| Profissionais de saúde | 18 (11,3) | 17 (85,3) | 0,02 |
| Não profissionais de saúde | 142 (88,7) | 99 (14,7) | |
| Renda familiar (SM) | | | |
| Até 10 | 48 (30,0) | 29 (25,0) | 0,05 |
| 10 ou mais | 89 (70,0) | 68 (75,0) | |
| Convênio médico | | | |
| Sim | 105 (65,6) | 71 (61,2) | 0,05 |
| Não | 55 (34,4) | 45 (38,8) | |
| RAM | | | |
| Sim | 34 (21,3) | 24 (20,7) | 0,8 |
| Não | 126 (78,7) | 92 (79,3) | |

SM = salário mínimo; RAM = reação adversa a medicamento.

Entre os 267 medicamentos usados, 137 (51,3%) configuraram a prática da automedicação. A orientação de um parente ou amigo ou o uso desta medicação em tratamentos anteriores, prevaleceu como determinante para realização de automedicação no quadro atual, apresentando frequências de 41,2% e 39,6%, respectivamente. Do total de medicamentos utilizados 78,7% foram adquiridos em farmácia de dispensação, 13,5% já tinham o medicamento em casa, 5,6% foi por amostra grátis e 2,2% adquiriu o medicamento gratuitamente no posto de saúde.

Do total de 267 medicamentos utilizados, a média de medicamentos por entrevistado foi de 1,7 medicamentos. Foram cumpridas as orientações de uso, posologia e duração do tratamento em 45,3% dos casos, independente de indicação médica para uso.

DISCUSSÃO

A prevalência de automedicação entre os estudantes no presente estudo foi de 72,5%, o que contrasta com o estudo de Loyola Filho e col. que verificaram a prevalência de automedicação de 26,7% (na população em geral)², e com Ogawa e col. que encontraram prevalência de 48,6% entre universitários e comunidade em geral¹⁰.

De maneira semelhante a estudos conduzidos em países desenvolvidos^{11,12} e no Brasil², analgésicos comuns e antitérmicos foram os medicamentos mais utilizados, apresentando prevalência de 44,9%. Tais fármacos são classificados como medicamentos atuantes no sistema nervoso, segundo a classificação ATC. Os medicamentos para alívio da dor e febre são

classificados como fármacos de venda livre (*over the counter*), e podem representar o autocuidado dos pacientes⁷. Entretanto, como qualquer medicamento, é capaz de produzir reações adversas, mascarando quadro clínico de maior gravidade. Neste estudo, a prevalência de reações adversas a medicamentos, pelo menos uma vez na vida, foi de 21,3%.

Com relação à indicação do uso de medicamentos sem prescrição médica, a indicação de um parente ou amigo prevaleceu sobre outras formas de orientação na realização de automedicação. Dados similares foram evidenciados por Arrais e col. que encontraram prevalência de 51% nas indicações de automedicação por pessoas leigas³.

De maneira controversa, dentre os entrevistados que referiram ter realizado automedicação nos últimos 90 dias, 65,6% relataram ser portadores de convênio de saúde, aspecto condizente com os dados apresentados por Loyola Filho e col.². Essa situação contraria o conceito atualmente vigente do benefício da automedicação como forma de autocuidado nas populações mais carentes.

Os universitários investigados estudavam em instituição de direito privado, em dois cursos de graduação considerados nobres – Direito e Medicina, o que permite pressupor que são indivíduos com bom nível de escolaridade e renda. Inclusive, a automedicação esteve associada aos pais serem da área da saúde, possuir maior renda e convênio médico. Portanto, a prática da automedicação, neste caso, não pode ser atribuída à dificuldade do acesso aos serviços de saúde, e sim a maior conhecimento ou segurança em utilizar medicamentos indicados por parentes ou amigos (41,2%) ou utilizados em tratamento anterior (39,8%). O que reforça essa suposição é o fato de que os estudantes de medicina relataram maior percentual de automedicação em comparação aos estudantes de direito (p = 0,01).

A maior parte dos entrevistados no presente estudo se auto-avaliaram como portadores de boa condição de saúde, contrastando com o elevado índice de automedicação apresentado. Loyola Filho e col.¹³, de maneira similar, reportaram dados de influência negativa entre melhor autopercepção sobre o estado de saúde atual e automedicação. Outros autores mostraram que o hábito de automedicação está associado à presença de sinais e sintomas menores, sendo que doenças crônicas e doenças mais graves levaram ao uso de medicamentos prescritos por profissional médico, o que pode explicar a relação entre melhor percepção do estado de saúde e automedicação^{14,15}.

CONCLUSÃO

A automedicação é uma prática prevalente entre os universitários estudados, especialmente os do curso de medicina, e que a importância da automedicação como uma forma de aliviar a carga sobre o sistema público de saúde, se mostra irracional, já que dentre os praticantes da automedicação, a grande maioria faz uso de sistemas privados de saúde. Novos estudos, com diferentes tipos de delineamento, ainda são necessários para caracterizar o padrão do uso de medicamentos na sociedade e poder inferir os reais fatores influenciadores dessa prática, para que assim possamos traçar medidas eficazes no combate à prática de automedicação.

REFERÊNCIAS

1. Paulo LG, Zanine AC. Automedicação no Brasil. *Rev Assoc Med Bras* 1988;34(2):69-75.
2. Loyola Filho AI, Uchoa E, Guerra HL, et al. Prevalence and factors associated with self-medication: the Bambuí health survey. *Rev Saude Publica* 2002;36(1):55-62.
3. Arrais PS, Coelho HL, Batista Mdo C, et al. Profile of self-medication in Brazil. *Rev Saude Publica* 1997;31(1):71-7.
4. Pereira FS, Bucarechi F, Stephan C, et al. Self-medication in children and adolescents. *J. Pediatr* 2007;83(5):453-8.
5. Carvalho MF, Pascom AR, Souza-Júnior PR, et al. Utilization of medicines by the Brazilian population, 2003. *Cad Saude Publica* 2005;21(Suppl 1):S100-8.
6. da Silva CH, Giugliani ER. Consumption of medicines among adolescent students: a concern. *J Pediatr* 2004;80(4):326-32.
7. World Health Organization. The benefits and risks of self medication. WHO Drug Information 2000. Disponível em: <http://apps.who.int/medicines/en/d/Jh1462e/1.html>. Acesso em 10 mar 2011.
8. Hughes CM, McElnay JC, Fleming GF. Benefits and risks of self medication. *Drug Saf* 2001;24(14):1027-37.
9. Vilarino JF, Soares IC, da Silveira CM, et al. Self-medication profile in a city of south Brazil. *Rev Saude Publica* 1998;32(1):43-9.
10. Ogawa AI, Koratchi G, Hata HT, et al. Estudo comparativo sobre a automedicação em estudantes segundo ano de enfermagem e medicina e moradores do Bairro Vila Nova. *Espaço para Saúde* 1998;32(4):335-444.
11. Tourinho FS, Bucarechi F, Stephan C, et al. Home medicine chests and their relationship with self-medication in children and adolescents. *J Pediatr* 2008;84(5):416-22.
12. James H, Handu SS, Al Khaja KA, et al. Evaluation of the knowledge, attitude and practice of self-medication among first-year medical students. *Med Princ Pract* 2006;15(4):270-5.
13. Loyola Filho AI, Lima-Costa MF, Uchôa E. Bambuí Project: a qualitative approach to self-medication. *Cad Saude Publica* 2004;20(6):1661-9.
14. Beckerleg S, Lewando-Hundt G, Eddama M, et al. Purchasing a quick fix from private pharmacies in Gaza strip. *Soc Sci Med* 1999;49(11):1489-500.
15. Lefèvre F. A oferta e a procura de saúde através do medicamento: proposta de um campo de pesquisa. *Rev Saude Publica* 1987;21(1):64-7.